

# ANAIS DA II JORNADA DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS DE PARINTINS



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS  
PARINTINS - 2018

**Weberson Fernandes Grizoste**  
**(Org.)**

# Anais da II Jornada de Estudos Clássicos e Humanísticos de Parintins

<https://amazonas.academia.edu/latinitas>  
[latinitates.weebly.com](http://latinitates.weebly.com)  
[facebook.com/latinitates](https://facebook.com/latinitates)

Arte da capa: Thiago Godinho  
ISBN: 978-85-7883-473-9

Centro de Estudos Superiores de Parintins  
Universidade do Estado do Amazonas  
Parintins – AM  
2018



## O POETA-AMANTE E OS SEUS AMADOS

Ediane Gloria Barbosa [UEA]

Orientador: Weberson Grizoste [UEA]

**Resumo:** *O objetivo deste trabalho é mostrar como era a relação sexual do poeta com seu amante. Na maioria das vezes o amante era um puer. Normalmente não tinha pudor nenhum nessa relação homossexual. Em Roma no séc. I a. C. o ato sexual entre pessoas do mesmo sexo era permitido dentro de certos limites. Dentro ou fora do casamento, o sexo era um artifício importante: o que importava substancialmente era o prazer. Sendo o casamento uma formalidade, buscava-se o prazer numeras vezes na prostituição, no sexo comprado. Os poetas buscavam nos seus amantes prazer inspirador. Evidenciaremos este tema em alguns poetas Catulo, Horácio, Tibulo, Propércio, Ovídio e Virgílio.*

**Palavras-chave:** Amante. Puer. Sexo. Poeta. Formalidade

### INTRODUÇÃO

O artigo tem como objetivo analisar a relação entre o poeta e seu amado, de uma forma que possa compreender a relação dos poetas. No período clássico a homossexualidade existiu de uma forma bem explícita, pois sociedades renomadas como a grega e a romana permitiam sua prática. Os poetas faziam poesias para mostrar seus desejos, seus afetos, o que eles sentiam pelos seus amados. Os poetas se referiam com delicadeza nos poemas, quando falavam dos seus amantes. E para ser amantes amados, o *puer* deveria ser formoso.

Quando o rapazinho não queria nada com o poeta, o poeta insistia até o amado ser domado, valia qualquer coisa na arte da sedução, até juras de amor falsas. O que importava para o poeta era aproveitar o momento, aproveitar a juventude como *carpe diem*.

### RELAÇÃO DO POETA E SEUS AMADOS

A relação entre sexual entre pessoas do mesmo sexo era permitida, porém tinha determinadas condições.

O amado deveria ser um rapazinho jovem *puer*, e não deveria manter outros relacionamentos com homens, pois perderia os seus privilégios junto do amante. Era relativamente mais fácil conquistar um *puer*, nomeadamente com presentes que os poetas frequentemente ofereciam aos amantes.

Tíbulo fala em um dos trechos dos seus poemas que para manter sempre seu rapazinho por perto, o poeta tinha que realizar seus desejos, só assim ele poderia ter o amor do *puer*. “Tu que quer que ao teu rapazinho a peteça fazer, deve ceder aos seus desejos; Com tua cedência, muitos triunfos o amor há de alcançar”. (Tíbulo, 1.4.39-40: obj. cit. ANDRÉ, 2006. P.189).

Tíbulo em alguns trechos de seus poemas refere-se a Márato, o poeta tem um desejo intenso de conquistar o *puer*, e para ter um romance, o poeta fez várias investidas. Porém o poeta decepciona-se com seu pretendente a ponto de odiá-lo por saber que Márato se encontra em outro relacionamento. Contudo não fica enciumado, pois o outro relacionamento é com uma mulher, a bela Fóloe, e a mulher não é assumida como rival, por isso não sentiu ciúmes.

Nos poemas de Catulo, na maioria deles ele faz referência a um jovem adolescente, Juvêncio, a quem o poeta dedicou vários poemas amorosos, mesmo o poeta mantendo uma paixão avassaladora por Lésbia. Nos nossos dias Catulo seria considerado bissexual, uma vez que mantinha uma paixão avassaladora por Lésbia e Juvêncio, o poeta expressava seus desejos eróticos através de seus poemas. Percebemos a doçura e a delicadeza com quem ele se refere ao seu amado no Carmen 48.

Os teus olhos da cor do mel, ó Juvêncio  
se me for consentido dar-lhes beijos sem conta,  
mesmo que trezentos mil beijos lhes dê,  
jamais hei-de parecer saciado,  
nem que seja mais densa que as espigas secas  
a nossa seara de beijos.

Nos poemas de Horácio, o poeta fala-nos de Licisco, uma relação que começou quando um certo dia ficou bêbado e contou que era apaixonado por Ináquia secretamente, entretanto a moça preferiu um rapaz rico, já que Horácio não tinha tanta riqueza. Foi então que Horácio começou um amor com Licisco, e só deixaria ele quando

encontrasse uma moça esplêndida linda ou um *puer* bem torneado. (Hor. Od.11)

Em suas obras Ovídio ensina a pessoas a arte de amar, isso não significa que ele não mantinha uma relação homossexual. Em sua *Arte de Amar* ele menciona amor por rapazes em dois trechos (Ov. Ars 1.522-3 e 1.641-4) por isso que ele falava tão bem das relações entre pessoa do mesmo sexo, como manter relação, como deveria ser no momento da intimidade, como conquistar. No entanto ele preferia as mulheres, do que rapazinhos.

Na segunda bucólica de Virgílio, ele relata um amor não correspondido de Córídor um jovem pastor, com seu servo Aléxis. Córídor faz tudo para ter o amor de Aléxis, oferecendo tudo o que possui. Como sua paixão não é correspondida, Córídor deseja a morte de seu amante. Nas bucólicas, as relações homossexuais são usuais, assim como as relações femininas, ambas possuindo a mesma leveza. Acredita-se que Aléxis fora um servo dado a Virgílio por Pólio. Pólio aparece em alguns versos dos poemas de Virgílio, acredita-se que Virgílio nutria uma paixão secreta por Pólio, por isso as referências nos poemas. O amor de Córídor é o mesmo que Virgílio sentira por seu servo, Virgílio também sentia esse amor não correspondido, nas bucólicas as relações eram pastorais.

O pastor Córídor desejava ardentemente o formoso Aléxis,  
Volúpias do senhor, e não tinha o que esperava.  
Apenas, assiduamente, chegava ao meio das densas faias, de cimos sombrios;  
nesse lugar, sozinho lançava estas palavras desordenadas às montanhas e as florestas com inútil dedicação:  
Ó Aléxis, não te preocupas com os meus cantos?  
Não tendo compaixão de nós? Tu me levarás, enfim, a morrer. (Virg II, 1-7)

Propércio não assume uma postura homossexual em suas poesias eróticas, mas deixa evidente que a relação entre pessoas do mesmo sexo era comum. (2.4.17-22)

Ah! Que os meus inimigos amem as mulheres  
Goze dos moços quem for meu amigo!  
Descendo um rio calmo em canoa segura,  
Que mal te faz as ondas das voragens?

Ele muda de ideia numa só palavra

Mas ela não se aplaca nem com sangue

Não deveria haver traição na relação dos amantes, os amados deveriam servir só a um, ou seja, ser de um poeta. Contudo em Catulo, Juvêncio traiu seu poeta com um hóspede, quando Catulo encontrava-se ausente, o jovem era branco, com uma austeridade de uma centelha de prazer. (Obj. cit. ANDRÉ, 2006. P.197)

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propondo uma leitura de homossexualismo, onde os poetas expressam seus desejos mais eróticos através de seus poemas, podemos dizer que nutriam uma paixão excessiva pelos seus amados *puer*, rapazinhos. Não gostavam que seus amantes contivessem relações amorosas com outros pretendentes, por isso não mediam esforços para terem o amor de seus amantes, faziam tudo para manter seus amados sempre por perto, até doar o que lhe pertenciam de mais valor para ele, para que não fossem substituídos por ninguém.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

#### **Autores Clássicos**

P. B. Falcão (2008). **Horácio. Odes**. Lisboa: Cotovia, pg 45-123.

G. G. Flores (2014). **Propercio. Elegias** Belo Horizonte: Autentica pg.194- 261.

#### **Autores Modernos**

C.A.André (2006), **Caminhos de Amor em Roma: sexo, amor e paixão na poesia latina do séc. I a. C.** Lisboa: Cotovia.

K.T.C.Azevedo (2006). “O Homoerotismo como Modelo Universal de Amor no Poema 51 de Catulo”. **Cadmo** 25 (2006) pg 57-70.

R. Carvalho (2007). **Por que Calar Nossos Amores? Poesia Homoerótica Latina**. Belo Horizonte: Autêntica.

A. Torrão Filho (2000). **Tribades galantes fanchonos militantes: Homossexuais que fizeram histórias**. São Paulo: Summus.

M. L. M. Ribeiro (2006). **O amor/ A Poesia Pastoril: As bucólicas de Virgílio**. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo.